



Especialistas avaliam que baixa cobertura vacinal e medidas pouco eficazes para conter a pandemia da covid-19 no DF são fatores de alerta para um novo pico de mortes e casos provocados pela doença. Mesmo com estabilização, patamar em alta preocupa

# Riscos com cepas elevam chances de nova onda

» CIBELE MOREIRA  
» CAROLINE CINTRA

Nos últimos dias, o Distrito Federal apresentou tendência de queda em relação ao número de casos e mortes provocados pela covid-19. Essa realidade, segundo especialistas, era esperada pelo fato de a pandemia seguir comportamento semelhante ao verificado no ano passado, entre julho e agosto, após o pico de registros. Porém, pesquisadores de diferentes áreas consultados pelo **Correio** avaliam que a situação de combate ao novo coronavírus no DF está longe do recomendado pelas autoridades internacionais de saúde. Ontem, por exemplo, a média móvel de infecções e óbitos caiu mais uma vez. Ao mesmo tempo, porém, verificou-se que a internação de pessoas de 15 a 29 anos subiu 62,5% (leia na página 14).

Professor do Instituto de Física da Universidade de Brasília (UnB), Tarcísio Marciano da Rocha destaca falhas nesse trabalho por todo o país. Ele defende que, desde o início, deveria haver um direcionamento central, para guiar o trabalho dos governantes (leia abaixo). Já Roberto José Bittencourt, doutor em saúde pública e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), associa os riscos da terceira onda ao surgimento de novas cepas, com maior poder de contaminação.

Para Roberto José, o país e o DF caminham para um novo pico em breve. “A segunda onda surgiu a partir da variante de Manaus, a P1. O estado enfrentava uma crise com pacientes graves e houve uma distribuição dessas pessoas para o restante do Brasil, o que

Juan Barreto/AFP



Testagem em massa, apoio financeiro e monitoramento de variantes são medidas cruciais

ocasionou uma infecção em massa. Essa lógica pode se repetir, com a mutação do vírus fazendo casos se elevarem”, avalia. “A vacinação está longe de atingir o ideal para abortar a terceira onda. Seria necessário imunizar 70% da população para estarmos em uma margem de segurança, mas estamos longe disso”, acrescenta.

O especialista acrescenta que não houve adoção de medidas eficazes para conter o avanço da segunda onda e que o transporte coletivo se manteve com um dos principais meios de transmissão da covid-19, devido à aglomeração diária. “O fechamento de alguns espaços com a (manutenção da) circulação em coletivos lotados não adianta”, pontua. Bittencourt lembra que uma das ações

mais importantes no sentido de impedir a transmissão comunitária é a testagem massiva: “(Com isso,) identificam-se os focos de contaminação e, em seguida, isolam-se por 14 dias pessoas infectadas e quem teve contato com elas”.

O apoio econômico às famílias que precisam desse suporte para se manter em casa deve ser garantido pelo governo, alerta o professor. Quanto à testagem, Roberto José afirma que o tipo mais indicado é o RT-PCR, que permite a coleta de amostras das vias aéreas dos testados. Outra metodologia apontada que pode somar na prevenção da covid-19 é a vigilância genômica. Com isso, é possível identificar e acompanhar as variantes com maior potencial de infecção.

Ed Alves/CB/D.A Press



Roberto Bittencourt acredita que não houve adoção de medidas eficazes no DF

## Contenção

Uma análise do pesquisador Breno Adaid, vinculado ao Centro Universitário Iesb e à UnB, confirma que o Distrito Federal passa por um período de queda em relação aos casos da doença. Os números revelam que o DF caminha para uma fase de estabilização. Contudo, o platô ocorre em um patamar elevado. “Se começar a ter mais aglomeração e se a população relaxar nas medidas de prevenção, teremos um novo cenário de crescimento”, destaca. “As pessoas têm tomado mais cuidado, mesmo com uma rotina quase normal em relação ao vivido antes das restrições. Se a população não relaxar, é possível viver com quase tudo

liberado e sem a pressão hospitalar”, acredita o pesquisador.

Por outro lado, o matemático Paulo Angelo Alves Resende — um dos coordenadores dos trabalhos no Observatório de Predição e Acompanhamento da Epidemia Covid-19 da UnB (PrEpidemia) no ano passado — entende que, apesar do momento de redução nas médias móveis, não é possível prever um cenário de estabilização na capital federal. “Desde o início da pandemia, não tivemos um cenário de platô com. O que ocorreu foi uma curva achatada no pico. E, se olharmos em nível nacional, o Brasil teve um efeito de platô que indicou término de uma onda em uma cidade e início dela em outra”, compara.

Para o pesquisador, a tendência é de diminuição lenta dos casos e mortes: “Não temos uma pesquisa em curso este ano para avaliar de forma mais concreta, mas o cenário do DF indica que atingimos o pico (da onda atual) e que estamos em queda (na quantidade de registros). Só que a velocidade dessa diminuição depende do comportamento das pessoas e de fatores como vacinação, taxa de isolamento social e demais medidas de contenção”, comenta.

O **Correio** questionou a Secretaria de Saúde (SES-DF) sobre a viabilidade de monitorar o surgimento de casos com a testagem em massa, segundo orientações dos pesquisadores. No entanto, a pasta não se posicionou. O órgão informou apenas como atua no sentido de evitar uma terceira onda por meio da imunização: “A ampliação da campanha de vacinação contra a covid-19 depende do envio de mais doses pelo Ministério da Saúde. A pasta seguirá empenhando esforços em promover uma vacinação ampla e o mais célere possível”, respondeu.

## >> entrevista TARCÍSIO MARCIANO DA ROCHA | PROFESSOR DO INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

# “Sem auxílio econômico, isolamento social é ficção”

O professor Tarcísio Marciano da Rocha, do Instituto de Física da Universidade de Brasília (UnB), elencou, ontem, as principais falhas no combate à pandemia no Brasil. Em entrevista ao **Correio**. Poder — parceria do **Correio** com a TV Brasília —, o especialista afirmou ao jornalista Vicente Nunes que, desde o início, a crise não contou com uma coordenação central, pautada por pareceres da ciência, que auxiliasse governantes dos estados e do Distrito Federal na luta contra o novo coronavírus. Além disso, a vacinação em marcha lenta contribuiu, segundo ele, com a iminência da terceira onda da pandemia.

**Este ano, no Brasil, morreram mais pessoas por covid-19 até abril do que em todo 2020. Por que chegamos a esse quadro?**

No começo da pandemia, em março do ano passado, houve uma reação boa por parte dos governadores, que mantiveram um nível de isolamento social razoável e, com isso, conseguiram conter a primeira onda. Mas era muito claro que a segunda onda viria inevitavelmente, porque, primeiro, no mundo inteiro, vimos isso acontecer. Segundo que boa parte da população não havia tido contato com o vírus e não tinha imunidade, portanto, fi-

Esses problemas, segundo o pesquisador, contribuem para a situação alarmante que o país vive. Outro ponto avaliado por Tarcísio diz respeito às medidas adotadas pelo Governo do Distrito Federal (GDF) no combate à covid-19. Para o professor, inicialmente, as propostas foram satisfatórias. No entanto, a partir do início da segunda onda de casos, no ano passado, o isolamento social ficou aquém do verificado no início da crise. Acompanhada de um relaxamento no respeito às normas de segurança sanitária, a doença se manifestou de forma mais agressiva, como previam estudos.

cou suscetível a pegar a doença. Era claro que, durante uma segunda onda, a chance de não conseguir um isolamento social mais restrito era muito maior. É triste ver, mas (não há) surpresa nenhuma que isso tenha acontecido. O que tinha de ser feito lá atrás era uma planificação melhor das atividades que podem abrir e fechar, a depender dos índices: todo um planejamento que era possível fazer.

**Quais foram os maiores erros cometidos pelo Brasil?**

A falta de uma coordenação central apoiada em pareceres da ciência. Pode-

Ed Alves/CB/D.A Press



**A expectativa é de que a vacinação seja uma forma efetiva de controle. E ela só vai controlar a pandemia se vacinarmos quase toda a população”**

riam ter montado um comitê científico, como há em outros países que conseguiram um bom combate à pandemia. Os governadores tiveram de agir individualmente em cada estado e no DF, e (isso) torna o enfrentamento muito mais difícil. A falta de atendimento hospitalar adequado também é muito complicada, porque aumenta a mortalidade. Vimos o que aconteceu em Manaus. Foi terrível. No DF, estamos há bastante tempo com 100% das UTIs (unidades de terapia intensiva) ocupadas. A falta de planejamento, decisão e transparência mina a credibilidade e confiança da população.

**O senhor falou sobre a falta de planejamento e transparência. Mas também há a questão política, que embaralhou o cenário. Até que ponto a política tem culpa nessas mortes?**

O problema é que não se pode levar discussão para o terreno que não é científico. O exemplo clássico é achar que existe tratamento precoce e defen-

der isso. Há provas científicas de que ele não funciona. Esse tipo de politização, que não é baseada na evidência científica, é nocivo. Acredito que a discussão é técnica, científica e, claro, há outros aspectos que têm de ser levados em conta, como a questão econômica. Quando falo de isolamento social não é simplesmente mandar as pessoas para casa, mas (o governo) tem de dar apoio econômico para os mais vulneráveis, (bem como) para os pequenos e médios empresários, que também sofrem com a situação. É toda uma política e organização bem pensada em vários setores da administração pública.

**Vimos, no fim de semana, mais uma vez, o presidente da República promover aglomeração no Entorno de Brasília. E vemos o governo demorar para botar em prática o auxílio emergencial. Como isso atrapalha todo o combate à covid-19?**

O ideal é que tenhamos um bom exemplo de gestor público. O bom

exemplo é aquele baseado nas análises técnicas que o país tem muita condição de fazer. O que sinto mais falta é ter coordenação central. Isso facilitaria o uso de recursos. O fato de não haver auxílio emergencial empurra e obriga a ir para a rua a pessoa que trabalha de dia para poder jantar. Sem auxílio econômico, isolamento social é ficção. O país tem condições de dar apoio econômico para conter essa fase da pandemia. Ou se faz isso ou você diz que a vida das pessoas não vale grande coisa.

**O senhor acredita em uma terceira onda da covid-19 no país?**

Possível sempre é. Porque, primeiro, em nenhum lugar do país alcançamos a imunidade de rebanho — supondo que quem teve o vírus está protegido, porque também não é muito claro se todo mundo tem proteção contra uma possível reinfeção. Sabemos que há casos de reinfeção, mas não é um número muito grande, não se sabe quanto tempo essa proteção natural dura. Se ela durar seis meses, podemos ter ondas que se repetam. A expectativa é de que a vacinação seja uma forma efetiva de controle. E ela só vai controlar a pandemia se vacinarmos quase toda a população.

**Como avalia as medidas tomadas pelo GDF?**

No primeiro momento, no ano passado, foram corretas. Posteriormente, não se conseguiu fazer um isolamento. Chamam de lockdown, mas não é, porque é algo muito mais rigoroso e nunca tivemos lockdown em nenhum lugar do Brasil. Temos medidas de isolamento social, (para) fechar atividades não essenciais. (Mas,) pelo que vimos dos indicadores de mobilidade das pessoas, esse último isolamento no Distrito Federal ficou muito aquém do primeiro. Deveria ter sido mais intenso. Se conseguissem isso (manter as pessoas em casa) quando começou a segunda onda, evitaríamos um número razoável de mortes.